



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

KARINA SOUSA RODRIGUES

**A Brincadeira dos *Pretos* “[...] é uma diversificação da festa”: Relatos orais sobre a
festividade em Vila Gorete Arapiuns - Santarém**

**SANTARÉM-PA
2024**

KARINA SOUSA RODRIGUES

**A Brincadeira dos *Pretos* “[...] é uma diversão da festa”: Relatos orais sobre a
festividade em Vila Gorete Arapiuns - Santarém**

Trabalho de Conclusão de Curso – modalidade artigo,
apresentado ao Curso de Licenciatura em História para
obtenção do grau de licenciada em História.
Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de
Ciência da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Diego Marinho de Gois

**SANTARÉM-PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

R696b Rodrigues, Karina Sousa

A Brincadeira dos *Pretos* “[...] é uma diversão da festa”: Relatos orais sobre as festividades em Vila Gorete Arapiuns - Santarém / Karina Sousa Rodrigues. – Santarém, 2024.

40 p.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Diego Marinho de Gois.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.

1. Vida ribeirinha. 2. História oral. 3. Memória. 4. Vila Gorete (Comunidade). I. Gois, Diego Marinho de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed.304.2098115



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezesetes dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, na cidade de Santarém, do Estado do Pará, de forma presencial no Laboratório de História, Campus Santarém, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Karina Sousa Rodrigues, matrícula 2019012369, intitulado A Brincadeira dos Pretos "[...] é uma diversão da festa": relatos orais sobre as festividades em Vila Gorete - Arapiuns, sob orientação do Prof. Dr. Diego Marinho de Gois, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A banca examinadora foi composta pelo presidente, o docente orientador citado, e pelos seguintes membros docentes: Prof. Dr. Florencio Almeida Vaz Filho (UFOPA) e Prof. Msc. Vitor Nazareno da Mata Martins (UFOPA). Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho, a banca deferiu pela (X) aprovação / () reprovação do TCC, atribuindo ao mesmo a nota 100. Fica acordado que a referida nota (10) está condicionada à entrega da versão final do trabalho, no prazo máximo de 10 dias, a partir desta data, e o mesmo deverá contemplar as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu prof. Diego Marinho de Gois, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor e membros da banca examinadora.

Autora: Karina Sousa Rodrigues

Orientador: Diego M. de Gois

Examinador: Florencio Almeida Vaz Filho

Examinador: [Assinatura]

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra seja dada a Ele. Por sua bondade e amor infinito, que mesmo nas adversidades sempre esteve comigo.

Aos meus pais, seu Vicente Paulo Rodrigues e Maria Nilda Sousa Rodrigues por todo amor, apoio e orientação ao longo desse processo de mudança e amadurecimento. Sou eternamente grata, pela dedicação de vocês!

Ao meu noivo, Joilson Saraiva por todo suporte durante a graduação, obrigada por sempre incentivar meus sonhos e apoiar como se fossem seus. Meu companheiro nas idas a campo e na vida.

Aos meus irmãos e familiares que sempre vibram cada conquista minha, aos meus sogros que também foram importantes durante o processo de entrevista.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Diego Gois que aceitou o desafio da minha pesquisa, acreditou na ideia do meu projeto, pela dedicação nas orientações que foram essenciais para construção desse trabalho.

Aos amigos que fiz durante o curso, em especial Rosiângela Campos e Willen Barbosa que dividiram comigo as experiências que a Universidade pode proporcionar e pelo companheirismo durante essa jornada.

Aos entrevistados, pela participação e por me receberem tão bem em suas casas, a memória que vocês compartilharam comigo foi muito importante.

A Ufopa e aos professores do curso de História, pelo compromisso na formação pública e de qualidade dos discentes.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Brincadeira dos *Pretos* na comunidade de Vila Gorete - Arapiuns e a construção da memória ribeirinha diante dessa manifestação cultural a partir de relatos orais. Compreender de que modo a seletividade da memória e do esquecimento sobre esta manifestação cultural constituiu a valorização e manutenção dessa tradição cultural, pensar a forma em que essa memória histórica coletiva foi transmitida as outras gerações desses ribeirinhos e identificar as relações entre a festividade de Santa Maria Gorete e a Brincadeira. Para analisar como iniciou a presença da Brincadeira dos *Pretos* e a relação de uma manifestação cultural tradicional na festividade de Vila Gorete, a metodologia escolhida para essa discussão consiste na História Oral e as principais referências utilizadas para a construção do trabalho foram: Portelli (2016), Thompson (1992), Alberti (1990), Galvão (1955), Maués (1995). A metodologia consiste em contextualizar o eixo temático com a do entrevistado sendo parte de um contexto histórico, onde a tradição da Brincadeira dos *pretos* pode trazer ao ribeirinho a compreensão de que a prática dessa manifestação cultural também demarca a resistência em manter viva a pluralidade cultural da comunidade.

Palavras-Chave: História oral. Memória ribeirinha. Entrevista. Vila Gorete.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: elaboração dos questionários, ida à comunidade e realização das entrevistas	6
3. ENTRE A MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO: Lembranças da Brincadeira dos <i>Pretos</i> e da Festividade de Santa Maria Gorete.....	12
4. ASPECTOS RELIGIOSOS DA BRINCADEIRA DOS <i>PRETOS</i> : do ritual de pintura à derrubada do mastro.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A Brincadeira dos *Pretos* na região do Arapiuns, Tapajós e Lago Grande representa uma manifestação cultural presente em algumas festividades de Santos Padroeiros das comunidades ribeirinhas, indígenas e não-indígenas. Na comunidade Vila Gorete, localizada na margem esquerda do Rio Arapiuns, a festividade da santa padroeira ocorre na primeira semana do mês de julho, que inicia no dia 1º e finaliza no dia 9 com a apresentação da Brincadeira dos *Pretos* e da derrubada do mastro. A festividade abrange uma gama de práticas religiosas e culturais como: os noitários, a subida do mastro de frutas, o círio fluvial, a chegada da imagem da santa, juntamente da celebração, procissões e a Brincadeira. Há também a procissão dos fiéis pela comunidade, no sábado à noite ocorre a apresentação das senhoras e dos senhores da comunidade com a “desfeiteira”, onde há uma disputa de rimas entre homens e mulheres. Após essa apresentação tem o “bingão” incorporado a festa dançante no barracão da Santa, e o encerramento consiste na performance da Brincadeira dos *Pretos* ao redor do mastro de frutas, juntamente dos foliões que tocam instrumentos musicais confeccionados por eles e músicas em exaltação a Padroeira.

A Brincadeira dos *Pretos* consiste em um ritual de dança em frente à praça da comunidade Vila Gorete Arapiuns, Santarém, Pará. Nesse contexto, os *pretos* são os responsáveis pela encenação de proteção do mastro e de sua derrubada até ser levado ao barracão. O nome dado a esta manifestação cultural advém por conta dos brincantes pintarem-se com tintura preta (extraída do carvão batido e misturada ao óleo). Assim, saem pelas ruas da comunidade percorrendo e encenando o ritual que consiste em sujar aqueles que tentem chegar perto deles, seguidos pelos foliões que tocam seus instrumentos musicais durante o caminho percorrido até chegar onde está fixado o mastro de frutas. Ao redor do mastro, os *pretinhos* assim denominados, fazem uma oração inicial e iniciam suas danças com base na proteção mútua e do mastro, pintando todos que tentem se aproximar e pintando-os de preto. Assim como o grupo de foliões é tradição na festividade, a Brincadeira dos *Pretos* também tem papel importante nessa tradição ribeirinha, pois consiste no momento de pagamento de promessas feita a Santa Maria Gorete.

Segundo Stoll (2018, p. 8) “antes das ‘comunidade’ existirem no Arapiuns, as práticas, saberes e artefatos das festas de santo eram portanto herdadas no seio de um coletivo social específico – o grupo residencial [...]”. Ademais, essa manifestação cultural passada de pais para filhos simboliza uma gama de interpretações que consistem em lembrar os

antepassados ribeirinhos, segundo os moradores, seja pela resistência e continuidade da tradição de um povo que luta para suas raízes culturais mantenham-se vivas com o passar do tempo.

Assim, a presente pesquisa analisa a Brincadeira dos *Pretos* na comunidade de Vila Gorete – Arapiuns e a construção da memória ribeirinha diante dessa manifestação cultural. Na comunidade de Vila Gorete a Brincadeira começou a ser integrada a festividade de Santa Maria Gorete a partir de 1969, segundo uma narrativa histórica elaborada pela comunidade¹. Foi introduzido por Waldelírio Castro após o período que morou na comunidade de Carariacá, região de Várzea. Incorporando na festividade o grupo de foliões juntamente da presença da Brincadeira dos *pretinhos* marcando assim o encerramento da festividade católica ribeirinha e existindo nos dias atuais. Os principais objetivos desse estudo, visam analisar de que modo a seletividade da memória e do esquecimento sobre esta manifestação cultural constituiu a valorização e manutenção dessa tradição cultural; pensar a forma em que essa memória histórica coletiva foi transmitida as outras gerações desses ribeirinhos e identificar as relações entre a festividade de Santa Maria Gorete e a Brincadeira.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa estruturada na História Oral, o presente trabalho foi desenvolvido principalmente por meio de entrevistas com quatro moradores da localidade e praticantes do catolicismo, que participaram ativamente na festividade e Brincadeira, assim como àqueles que apenas serviram de observadores da manifestação cultural. Os principais aportes teórico-metodológicos da pesquisa foram: Portelli (2016), Thompson (1992), Alberti (1990) para as discussões referentes a História Oral e Galvão (1955), Maués (1995), Stoll (2018), para os temas relacionados a religiosidade na Amazônia, catolicismo popular e manifestação cultural. A pesquisa envolveu diferentes dimensões como: o mapeamento dos relatos históricos da comunidade, da festividade e da Brincadeira, para compreensão histórica e de fundação de cada temática; alinhamento acerca da metodologia escolhida, a ida a comunidade para a pesquisa de campo; o levantamento de fotografias sobre a Brincadeira para análise das representações existentes e análise das entrevistas de acordo com as questões envolvendo Memória, Identidade e História Oral, com vista a construção de uma narrativa da história social da festa, que consiste em partir das experiências dos sujeitos envolvidos.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: elaboração dos questionários, ida à comunidade e realização das entrevistas

¹ O Histórico da comunidade consiste em um documento redigido pela comunitária Denil Figueira em 1969, juntamente dos fundadores e comunitários mais antigos.

A história da comunidade de Vila Gorete, assim como as demais comunidades ribeirinhas, tem em sua transmissão de experiências e saberes a oralidade. Suas tradições, seus ritos e suas memórias são transmitidos de geração a geração por meio das experiências ali vivenciadas e das histórias contadas pelos mais velhos. Stoll (2018, p. 8) fundamenta que “embora as festas de santo realizadas na região de Santarém sigam um padrão similar, cada família podia introduzir singularidades próprias, que eram reconhecidas e associadas pelos festeiros a um determinado grupo residencial”, demonstrando as particularidades das festividades ribeirinhas que sustentam suas raízes pelo laço familiar existente.

Ao pensar na análise da “Brincadeira dos *pretos*” na comunidade, a metodologia logo pensada foi a de uma pesquisa qualitativa que pudesse colocar em protagonismo o local de fala de ribeirinhos que tem em sua memória resquícios sobre a comunidade de Vila Gorete e do nosso objeto de análise. Assim, a História Oral se encaixava nos termos delimitados para o desenvolvimento da pesquisa. Portelli (2016) salienta acerca da forma que as fontes orais são geradas e isso reverbera na história oral e sua finalidade, pois:

Ao contrário da maioria dos documentos históricos as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Ela não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador: mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. (PORTELLI, 2016, p. 10)

Ao pensar na tradição da Brincadeira dos *Pretos* a história oral tem o papel de dialogar com o entrevistado para possíveis respostas que o pesquisador pretender escutar, mas isso não é algo certo e muitas vezes esse diálogo não chega ao esperado, por isso buscou-se trazer para essa análise a participação de quatro entrevistados para que além do que se pretendia ouvir, poder cruzar entre si as falas sobre o mesmo objeto. Sobre a História Oral, Alberti (1990) salienta que:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1990, p. 52)

O método de pesquisa com realização de entrevistas com testemunhas e envolvidos com foco em suas experiências e memórias, pontuam as amplas abordagens que a História Oral pode proporcionar na análise do objeto de estudo.

Antes da realização da pesquisa de campo e das entrevistas foi desenvolvido um roteiro com 35 perguntas que pudesse estimular reminiscências lembranças sobre o objeto de pesquisa escolhido. As perguntas iniciais e introdutórias tiveram caráter de apresentação com cada um apresentando seu nome, idade, profissão, questões sobre a infância. O roteiro de perguntas foi estruturado em temáticas que versavam sobre a festividade de Santa Maria Gorete, da Brincadeira dos *Pretos* na festividade, a relação entre a Festividade e a Brincadeira, o ato de se pintarem e as vestimentas. Para a delimitação dos entrevistados a escolha se baseou na escolha de ribeirinhos comunitários que tem participação direta com a Brincadeira e a Festividade e com àqueles que tem atuaram como testemunha ocular dessa manifestação cultural. Paul Thompson (1992), fundamenta acerca da história oral de sua construção e suas pretensões:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato - e, pois, a compreensão - entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. (THOMPSON, 1992, p. 44)

A história oral como salientado anteriormente, tem em sua construção a relação efetiva entre pessoas, trazendo para o foco pessoas e histórias por vezes desconhecidas para alguns e que propicia discussões sobre a temática das manifestações culturais ribeirinhas que são mantidas e passadas por gerações. Portelli (2016, p. 12) destaca que para além da história dos eventos, da história da memória, esse processo não deve ser compreendido como apenas um receptáculo de informações, mas como um processo de construção e reconstrução de significados que cada memória carrega. Assim, o limite de entrevistados foi estimado entre quatro ribeirinhos com diferentes faixa etárias, preservando a memória dos anciões assim como dos mais novos que tiveram em sua criação a transmissão dessa tradição.

Inicialmente foram desenvolvidas apenas três entrevistas, sendo elas com dona Nair dos Santos, Rosinaldo Vieira e Maria Rosenilda Castro e por último Denil Bentes Figueira².

² Optou-se pelo uso dos nomes próprios dos entrevistados, ciente das implicações que a ética em pesquisa com seres humanos orienta; porém, pela importância das trajetórias dos sujeitos no tema da pesquisa e com base nas

Todos foram solícitos ao serem convidados a contribuir com a pesquisa. Dois dos entrevistados tem laço sanguíneo, Rosinaldo é filho de dona Nair dos Santos e não seria de início um dos entrevistados, mas pela sua participação na conversa que tive com sua mãe, sua participação se tornou efetiva por ter em sua memória lembranças pontuais acerca da temática. Desse modo, a ida a campo ficou escolhida para acontecer no dia 23 de março de 2023.

A principal forma de chegar na comunidade de Vila Gorete é feita pelos barcos de linha³, que saem de Santarém às terças e sextas, com a viagem durando em média quatro horas. Outra forma de chegar a comunidade é feita pela balsa que tem seu ponto de desembarque na comunidade de Aninduba, no Lago Grande. Para prosseguir para Vila Gorete só de carro, ônibus ou moto, devido à grande distância. A ida a comunidade ocorreu pela balsa por conta da demanda e logística. Por ser da comunidade e sempre fazer ponte entre Santarém e Vila Gorete o percurso de ida a campo não foi estranho, por ter conhecimento dos trajetos e horários. Saímos às 05 horas da madrugada de Santarém, viagem cansativa pois não levamos rede para não carregar muito peso na mochila, já que vamos de moto, e assim temos que deitar nas cadeiras da balsa. Às 08 da manhã chegamos na comunidade de Aninduba, mais precisamente no porto. Essa comunidade localiza-se na região de Lago Grande e fica à 72km de distância da comunidade de Vila Gorete, isso indo de moto em velocidade média. Assim, que a balsa encosta no porto já nos preparamos para a viagem de moto que dura em média uma hora, uma hora e meia, dependendo da situação da estrada de chão.

Ao chegar em Vila Gorete nos alojamos na casa de dona Nilda e seu Vicente (meus pais) que moram na comunidade. Para além da pesquisa, a ida a Vila também é uma oportunidade de rever familiares e parentes, pois devido a comunidade ficar longe de Santarém as idas demoram a acontecer. Uma das dificuldades enfrentadas que nos deparamos foi a realização de uma festa promovida pelo clube da comunidade denominado Área Verde. A realização de festas na comunidade mobiliza a maioria dos comunitários de Vila Gorete, pois é um momento de distração e diversão. Por conta dessa questão, dois dos entrevistados faziam presença na festa e isso impossibilitou que a entrevista fosse realizada no dia que chegamos. Outra dificuldade foi que uma das entrevistadas que eu já havia conversado e havia aceitado participar não se fazia presente na comunidade. Assim, tive que recorrer a outros entrevistados, conversei com dona Nair que é uma comunitária antiga e a convido para participar da pesquisa.

autorizações dos entrevistados e por não causar nenhum constrangimento, o presente texto será escrito com os nomes próprios e não com sujeitos anônimos.

³ Barco de linha é comumente utilizado para descrever barcos com rotas regulares de passageiros e carga nos rios da Amazônia

A entrevista foi realizada no dia 26 de março de 2023 com os três entrevistados escolhidos. Os primeiros foram dona Nair e Rosinaldo, cada entrevista durou em média 30 minutos e após cada entrevista busquei conversar com cada um querendo saber se eles tinham algum documento fotográfico que pudesse me emprestar para uma cópia, mas os dois disseram não ter nenhum. O questionamento acerca de fotografias antigas sobre a Brincadeira é necessária pois ela constituirá um capítulo para a análise dessas fotografias, pois com elas podemos demonstrar a Brincadeira e a memória que foi constituída sobre essa manifestação cultural para além dos relatos coletados nas entrevistas.

Com o evento promovido e realizado pelo clube Área Verde e a viagem de outra comunitária impossibilitou que conseguíssemos realizar as entrevistas como planejado. Essas duas entrevistas perdidas foram realocadas para serem realizadas na minha próxima ida a comunidade, pois o número de três entrevistados não conseguiu alçar discussões que se pretendia. Para chegar na casa de dona Maria Rosenilda Castro é preciso ir de bote⁴, pois ela fica localizada na aldeia Trindade, que antigamente era como um bairro de Vila Gorete. Maria Rosenilda é a última entrevistada que consegui localizar nessa primeira ida a campo para a pesquisa, ela é uma peça fundamental na construção do trabalho, pois foi uma das grandes responsáveis para a organização das vestimentas e da pintura que caracterizava os *pretinhos*. Nossa conversa é profunda, pois dona Maria Rosenilda passa pelo luto de perder seu marido Waldelírio Castro que foi seu companheiro de longas datas e que junto dela eram os principais responsáveis pela Brincadeira dos *Pretos* e pelos Foliões. Thompson (1992, p. 205-206) salienta acerca das lembranças que algumas perguntas podem causar e esse sentimento pode ser liberado durante a entrevista e nesse caso, a solidariedade ao entrevistado é a principal e simples tarefa a ser feita. Isso ocorreu na entrevista com dona Maria Rosenilda ao contar de seu companheiro, a solidariedade sobre a memória daquele que está sendo entrevistado é atitude a ser tomada em casos de liberação de sentimentos.

Para Jacques Le Goff (1995, p. 423) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, [...] pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Neste sentido, a memória não é sinônimo de história, mas pode ser pensada como uma construção, onde os indivíduos buscam no passado partes das lembranças que foram criadas para explicar assim como o passado, o presente. A relação passado-presente se desdobra no processo que são obtidos a partir de recordar e segundo Alistair Thomson (1999) fundamenta:

⁴ Bote é uma embarcação pequena de madeira que faz pequenas viagens, assim como a canoa. Na região de rios, essa pequena embarcação é um dos principais meios de locomoção entre ribeirinhos.

Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas [...] que memórias escolhem para recordar e relatar (e, portanto, relembrar), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. (THOMSON, 1999, p. 57)

Os cuidados a serem tomados com o estudo da memória são principalmente compreender que a memória não é definida sendo a representação fiel do passado, mas com seu potencial de análise e discussões acerca dos discursos estruturados, repensando suas rememorações e lembranças.

Ao final da entrevista sempre questiono sobre fotografias que a entrevistada possa ter e ela me confirma ter fotografias que podem me ajudar na pesquisa; ela procurou e encontrou uma foto referente a Brincadeira na comunidade e outras com a mesma temática da Brincadeira dos *Pretos*, mas em outra comunidade. A indagação sobre fotografias é novamente reiterada com a entrevistada, pois como destacado anteriormente as fotografias serão parte importante nesse estudo, pois por se tratar de uma manifestação cultural, as fotografias tem o papel de orientar aqueles que não conhecem a respeito da Comunidade de Vila Gorete, da Festividade e principalmente da Brincadeira dos *Pretos*.

Paul Thompson (1992, p. 273) orienta que ao finalizar uma entrevista o pesquisador não saia logo da residência da pessoa entrevistada, pois esse momento final da entrevista é um possível momento de questionar sobre as fotografias que o entrevistado possa ter acerca da temática e mostrar interesse para além do que a pessoa tinha a contar na entrevista. Desse modo, continuo na casa de dona Rosenilda e converso sobre minha possível volta na comunidade e ela me garante que procurará outras fotografias existentes para que eu possa tirar cópia. Como ocorreu nas últimas entrevistas, a de dona Maria Rosenilda também é demarcada por não conseguir delimitar datas e peço que me conte de acordo com sua idade. Thompson (1992) fundamenta que essas questões de datas sejam relacionadas a idade dos entrevistados, ou eventos como casamento capazes de datar o que está sendo dito. Assim, no decorrer da entrevista a questão de idade foi necessária para descrever alguns acontecimentos descritos pelos entrevistados. Um exemplo da questão da idade, cito Dona Nair descrever a construção da igreja de Santa Maria Gorete, quando pergunto sobre a Festividade e ela utilizando sua idade para orientar temporalmente sua lembrança diante desse acontecimento.

Apesar de ter sido proveitoso esse momento de ida a comunidade e de realização das entrevistas, o tempo é muito curto e já temos que voltar para Santarém. Retornamos pela

estrada para chegar no porto de Aninduba, que foi nosso segundo ponto de partida. A experiência de ida a campo possibilitou muitas reflexões acerca do estudo aqui trabalhado, pois poder fazer um estudo com a participação de pessoas que valorizam suas raízes e tradições corrobora para a ampliação de saberes e práticas existentes em comunidades ribeirinhas no interior do Pará. Além disso, as entrevistas também demonstram as questões elencadas por Thompson (1992) e Verena Alberti (1990) sobre as metodologias da História Oral e de suas dificuldades, pois a agenda do entrevistado e do entrevistador devem ser as mesmas para que não haja desencontros, caso que ocorreu na primeira ida a comunidade.

Compreendendo que a história oral “[...] é uma ciência e arte do indivíduo [...] conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais” (Portelli, 1997, p. 15), as entrevistas foram desenvolvidas em caráter informal tendo em vista a localidade onde estava sendo feita a pesquisa e para quem estava sendo desenvolvida as perguntas, para que os respondentes pudessem ter a liberdade de contarem suas experiências sem intimidação, apesar da entrevista ser gravada. Todas as conversas foram gravadas pelo gravador de voz do celular e após essas gravações foram transcritas e apresentadas no tópico das fontes a qual serão analisadas e discutidas, a seguir.

3. ENTRE A MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO: Lembranças da Brincadeira dos *Preto*s e da Festividade de Santa Maria Gorete

A comunidade Vila Gorete foi fundada em 1940⁵, e teve entre seus fundadores o professor Boaventura que se dedicava a escola religiosa de educação, onde ensinava catecismo, além de lecionar aulas particulares para as crianças da 1ª e 2ª série no período. Em 1945, o padre Frei Edmundo tem o conhecimento da construção do vilarejo e passa a ser conhecido como núcleo de “Bacabalzinho”.

Ao questionar se a Festividade de Santa Maria Gorete já existia na infância, dona Nair relembra que “ainda não [...], porque era lá do outro lado né (a comunidade), [...] e depois que passaram para cá, quando eu já estava com uns 15 anos que passaram para cá [...]”. A fala de dona Nair corrobora para a questão da transição da comunidade de Vila Gorete para sua nova localidade, pois sua localização ficava do outro lado da enseada do rio chamado Bacabalzinho pelos antigos⁶. Ademais, devido a posição geográfica de Bacabalzinho dificultar o acesso das

⁵ Histórico da comunidade de Vila Gorete DENIL, 1960, p. 4.

⁶ Antes de ser localizada na margem direita do rio Arapiuns, Vila Gorete chamava-se Bacabalzinho e ficava localizada em outra área próxima da região. Por conta do grande fluxo de moradores a comunidade acabou mudando de localidade e passou ser chamada primeiramente de Barreirinha e depois foi nomeada de Vila Gorete pelas missões católicas realizadas no interior de Santarém.

crianças e idosos, alguns líderes comunitários resolveram articular com os moradores a mudança para Barreirinha (atual Vila Gorete). Em 1957 ocorre o mutirão de limpeza em Barreirinha para a mudança da comunidade. Assim, o núcleo de Bacabalzinho durou apenas 10 anos.

Dona Nair cita Bacabalzinho e Barreirinha em sua fala, pois antes de ser reconhecida e transformada em comunidade⁷ de Vila Gorete, as poucas famílias que viviam na região eram fixadas nesse sítio e como houve maior povoamento e o local antigo era entendido pelos moradores como escondido, mudaram para Barreirinha. Dona Nair conta que Vila Gorete só se tornou comunidade com as Santas Missões, que ocorreram na década de 1950:

Como eu digo, era lá no bacabal, do outro lado dali pra trás [...] o padre ia lá e tinha confissão, tinha tudo que tem agora na igreja, e aí eles resolveram mudar pra cá e o nome era Barreirinha, chamava né, aí depois que teve as santas missões eles trouxeram a Santa Maria Gorete e foi que ficou Vila Gorete, depois da igreja pronta já (ENTREVISTA 01, 2023)

De acordo com o histórico da comunidade, escrito pela comunitária Denil Figueira juntamente com os fundadores de Vila Gorete, no dia 3 e 7 de 1957, foi celebrado por Frei Euvaldo, Frei Otomar e Frei Ricardo as Santas Missões elevando assim, a comunidade a ser reconhecida como Vila Goreth, em homenagem a jovem italiana que no momento de sua morte perdoou seu assassino, sendo canonizada em 1950. A partir dessa celebração, a principal padroeira da comunidade passou a ser Santa Maria Gorete e a festividade religiosa passou a ser celebrada na primeira semana de julho. A relação entre as Missões religiosas no interior das comunidades na Amazônia, descrevem o processo de construção de igrejas católicas e da vida religiosa ocorrida nas comunidades ribeirinhas. Esse processo é percebido quando comunidades ribeirinhas são renomeadas e tem em sua imagem principal santos e padroeiras católicas. Eduardo Galvão (1953) corrobora para essa relação religiosa do culto aos santos salientando que:

A religiosidade do caboclo se manifesta, sobretudo, no culto dos santos, ou mais propriamente no de suas imagens locais, a que se empresta caráter de divindade com poderes de ação imediata e não apenas representações de intermediários entre uma força superior e o homem. A expressão máxima do culto dos santos se observa na festividade com que se celebra o “dia do santo”. Cada povoado sítio, ou comunidade, tem o seu santo padroeiro e alguns mais, de devoção. (GALVÃO, 1953, p. 2)

⁷ Comunidade é um termo muito usado na Amazônia para se referir aos vilarejos ribeirinhos e povoados localizados na zona rural. Esse uso do termo passou a ser popularizado a partir dos anos 60 com o trabalho pastoral da Igreja Católica, que passou a implantar as suas Comunidades Eclesiais de Base (CEB)

Galvão (1953) confirma acerca das festas dos santos na Amazônia, cada um com sua particularidade e reinterpretações sobre a inserção de alguns outros sentidos para além do religioso dentro de cada festividade de santo iniciada como festas familiares. Na comunidade Vila Gorete, a festividade religiosa ressignificou elementos tidos como profanos que constitui todo processo identitário da comunidade e seus moradores, mesmo que alguns elementos estejam presentes em outras festividades no Arapiuns.

Ainda sobre a festividade e sua infância, dona Nair acrescenta que “ainda não era festa, só formou a festa depois que formaram a igreja e trouxeram a santa e aí que foi tendo a festa [...], mais ou menos com 15 anos eu já trabalhava bem, ajudava a carregar areia pra fazer a igreja” (ENTREVISTA 01, 2023). O relato de dona Nair abre espaço para lacunas históricas na comunidade como a identidade desse povoado com a escolha da padroeira que leva seu nome, a construção da igreja e o processo de nascimento da festividade religiosa na comunidade.

Em Vila Gorete, a Brincadeira dos *Pretos* tem papel singular na festividade de Santa Maria Gorete, pois demarca a finalização da festividade católica carregada de uma manifestação cultural que atrai olhares de comunitários e turistas. A Brincadeira dos *Pretos* existe em outras comunidades ribeirinhas e indígenas no interior da Amazônia, apesar dessa manifestação diferir de uma comunidade a outra. Nesse capítulo, o objetivo é analisar a forma que a Brincadeira dos *Pretos* ocorre e a forma que é narrada pelos entrevistados, o que é a festividade para os entrevistados, trazendo os fragmentos da memória ribeirinha feita a partir dos relatos obtidos com as entrevistas dos moradores de Vila Gorete. A transição dos fragmentos da memória dos entrevistados revela a potência da memória individual alinhada à memória coletiva, uma vez que, a memória coletiva é “o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada, por uma coletividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento do passado.” (NORA, 1978, p. 441).

Assim, ao utilizar a oralidade como fonte histórica discutindo sobre a memória ribeirinha acerca da Brincadeira dos *Pretos* na comunidade Vila Gorete, a entrevista ocorreu com o objetivo de levantar indagações que os incentivassem a buscarem em suas memórias os fragmentos da manifestação cultural e suas experiências. Com as fontes orais, foram desenvolvidas questões que pudessem fazer sentido para a pesquisa, ou seja, as perguntas desenvolvidas visavam questionar sobre a festividade de Santa Maria Gorete desde a infância dos entrevistados até a fase adulta, a relação do entrevistado para a festividade e para a Brincadeira, questões sobre a vestimenta e a pintura dos *Pretos*, totalizando 36 perguntas. Além de terem sido encontradas algumas fotografias com Maria Rosenilda, Denil Bentes e as que

registrei durante a festividade de 2023, onde pude ser observadora. Dentre as fotografias catalogadas foram encontradas a Brincadeira dos *Pretos* em outra comunidade, reafirmando que a Brincadeira dos *Pretos* tem simbologia nas demais comunidade do interior da Amazônia.

Mesmo com o número reduzido de entrevistados é possível perceber entre os relatos as discrepâncias entre as respostas, apesar das questões serem as mesmas para eles, fundamentando assim a questão da coletividade e individualidade da memória. Nora (1993) salienta acerca da memória e da história:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. (NORA, 1993, p. 9)

Desse modo, sobre a memória e seus múltiplos sentidos, a História Oral desempenha papel fundamental, pois podemos a partir delas obter vestígios da memória da festividade religiosa e da manifestação cultural da Brincadeira dos *Pretos* que é nosso objeto de análise. Sônia Maria de Freitas (2006) salienta sobre a História Oral fundamentando que:

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (FREITAS, 2006, p. 50)

Desse modo, a história oral pode a partir das falas dos entrevistados registrar sujeitos históricos na história para além da caracterizada como oficial, onde a análise de uma manifestação cultural ribeirinha contada e lembrada pelos próprios moradores tem fundamentação, sendo passível de análise. Assim, a utilização da história oral tem papel pertinente neste estudo. Meihy (2005) salienta para a utilização da metodologia de história oral:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p.19)

Portanto, a história oral constituem aspectos pertinentes para a construção social do indivíduo, ressaltando como essa mudança proporciona um sentido mútuo de identidade e pertencimento diante da comunidade que está inserido.

Em conversa com dona Nair, questionamos se a Brincadeira dos *Pretos* já fazia parte de sua infância e relembra que:

Ainda não, foi de uns tempos pra cá, não sei nem de que era que começou [...] eles andavam assim pelas casas, né, e aí depois resolveram chamar eles aqui pra Vila e foi que eles fizeram isso [...] não sei nem quantos anos já tem [...] aí depois que o homem morreu não teve mais... (ENTREVISTA 01, 2023)

Dona Nair descreve que a presença da manifestação cultural ocorria antigamente pela visitação dos *pretinhos* com os foliões de casa em casa, denominado de esmolação. Quando ela destaca que foram chamados pra “fazerem isso” é sobre a organização em torno da apresentação no término da festividade e ao mencionar “depois que o homem morreu” rememora acerca da presença de seu Waldelírio que era o grande mentor de toda a Brincadeira. É notório destacar que dona Maria Rosenilda e esposa de seu Waldelírio Castro, também relembra que seu esposo era o principal organizador da Brincadeira dos *Pretos* e dos Foliões. Questionada se a Brincadeira dos *Pretos* já existia em sua infância, responde que “já existia, desde quando eu me entendi já existia a dança dos *pretinhos* e até agora ainda existe, agora não sei se ainda vai existir porque o que fazia ele foi embora, Deus levou, então agora tá parado e não sei se vai continuar ou não” (ENTREVISTA 03, 2023). Em suas palavras é perceptível que seu Waldelírio era o responsável pelos *pretinhos* e pelos foliões e sua perda compreende a uma incerteza sobre futuras apresentações da Brincadeira na Festividade.

Acerca da presença dos foliões, ela está relacionada diretamente com os *pretos*, pois são eles que tocam as músicas em exaltação a santa padroeira, além de participarem da peregrinação dos *pretinhos* até a chegada ao mastro entoando os seguintes versos:

Ave Maria
Cheia de graça
À Santa Maria Gorete
Lá do céu vem nos
Abençoar (2x)⁸

As músicas cantadas pelos foliões demonstram as exaltações direcionadas a Santa Maria Gorete. Durante o percurso até a chegada na frente da Vila essas são alguns versos

⁸ O recorte desse verso foi cantado por dona Denil durante a entrevista.

entoados pelo grupo de foliões, nesse percurso é levado junto a imagem de Santa Maria Gorete carregada por um dos mordomos.

Ainda sobre o que é a Brincadeira, temos o relato de dona Nair que nos apresenta que:

A Brincadeira dos *pretos* é que eles se pintam, eles cantavam, tinha a preta e aí ela tinha o marido dela e começavam naquela agonia [...]. Eles dançavam, cantavam e tinha os folião que chamavam, os folião com as caixas, as bandeiras tudo eles abanavam quando eles tavam lá, tudo isso acontecia (ENTREVISTA 01, 2023)

Relacionamos a partir das falas de dona Nair, que a Brincadeira dos *pretos* corresponde a uma apresentação que para além dos pagamento promessas também é um momento de descontração entre *pretinhos* e comunidade. O processo dessa manifestação cultural deve ser revista entre as mudanças e transformações que ocorreram com a tradição da Brincadeira, pois até esse viés cômico apresentado deve ser caracterizada nesse contexto de diversificação que ocorreram no decorrer do tempo.

Na entrevista realizada, Rosivaldo e dona Maria Rosenilda salientam algo muito importante da Brincadeira dos *Pretos* ser feita pela participação apenas de homens, e todas as mulheres mencionadas nas entrevistas são apenas homens vestidos de mulheres, carregando uma boneca demonstrando ser sua filha. Dona Maria Rosenilda conta que apenas uma vez uma mulher participou da Brincadeira, sendo um resquício de sua memória que não acessa a data e nem detalhes, porém sua participação assim como as dos homens que participam estão ligadas a pagamento de promessa. Pollak (1992) fundamenta que esse processo de ir e vir da memória nos encaminha a questões imutáveis do lembrar, em que:

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 2)

Desse modo, os períodos invariantes podem ser percebidos durante os relatos dos entrevistados sobre a Brincadeira e dos processos de manutenção da manifestação cultural. Sobre a participação dos moradores caracterizados de *pretinhos*, temos a relação religiosa entre

os brincantes e a santa padroeira em que a promessa se torna a principal justificativa nesses casos. Galvão (1953) salienta acerca da promessa entre religiosos e o santo padroeiro:

A promessa é o ponto focal das relações entre os homens e os santos. Em uma cidade, junto às ilhas do delta, onde colhemos essas observações, a noção de pecado e os relatos dos milagres de santos subordinavam-se ao tema de cumprimento ou não de promessas. Existia muito pouca preocupação com a vida de além túmulo, pela segurança que o indivíduo possuía de que tudo correria bem, caso não faltasse ao respeito ou às promessas aos santos (GALVÃO, 1953, p. 4).

A relação da santa intercessora e os ribeirinhos é recorrente nas práticas católicas e a mediação que cada um constrói, pois é o momento que pagam pelo que foi pedido no ano como forma de agradecimento. Eduardo Galvão (1955) contextualiza a relação entre a festividade destinado ao santo padroeiro e o cumprimento das promessas destacando:

As próprias festas de santo podem ser consideradas promessas coletivas com o objetivo do bem estar da comunidade. Acredita-se firmemente que se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festeja-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa. Aqueles que custeiam com seu dinheiro as despesas das festas tem a convicção que o santo retribuirá esse. Feita a promessa seu cumprimento é mandatário, sob pena do santo retaliar com castigos ao que foge a obrigação assumida. O tema mais comum dos relatos de milagres é o da punição de um faltoso pelo santo a quem fizera uma promessa e deixara de pagar (GALVÃO, 1955, p. 42).

Analisar a Brincadeira dos *Pretos* pelo aspecto da memória ribeirinha diante da fala dos entrevistados, foi possível ser relacionado em questões sobre os debates acerca da seletividade da memória por Freud, onde a razão que permeava o século XIX é contraposta quando a historiografia busca fundamentar que a nossa história não é governada pela razão, e sim pelas escolhas de uma sociedade ou do indivíduo. Neste campo das ideias, a psicanálise explica que somos compostos daquilo que não queremos, trazendo a análise de Freud (1996) acerca da seletividade da memória, em que o psicanalista aponta haver vários tipos de esquecimento e memória. Diante disso, compreende-se que os nossos traumas, nossas memórias e até o esquecimento constituem o processo historiográfico. Nesse sentido, ao pensar a memória pelo campo da psicanálise de Freud deve-se questionar de que modo esta transitoriedade da consciência afetou a construção histórica de um determinado evento numa sociedade. E nesse sentido, identificar que as falas dos entrevistados quando não mencionam a data exata do acontecido, mas tem em sua memória que é algo de sua identidade cultural aflora o debate sobre a construção dessa história comunitária e de suas manifestações culturais a partir

de seu lugar de fala e de suas memórias. Thompson (1992) corrobora para a importância da história oral, onde:

Oferece uma nova base para projetos originais, e não apenas por profissionais, mas também por universitários, por escolares, ou por pessoas de uma comunidade. Eles não têm apenas que aprender a própria história; podem escrevê-las. A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas (THOMPSON, 1992, p. 337).

Ademais, a História Oral traz o sujeito para o protagonismo de uma história em que ela é agente ativo, onde sua memória construída a partir das relações identitárias e culturais do passado reverbera no presente, sendo passível de análise. A Brincadeira dos *Pretos*, é uma tradição que ocorre também em outras comunidades ribeirinhas no Tapajós e Lago Grande, dona Maria Rosenilda e Nair por serem as mais idosas mencionam não lembrar se a Brincadeira dos *Pretos* ocorre em outras comunidades. Em contrapartida, Rosivaldo que sempre viaja para outras comunidades menciona já ter assistido a Brincadeira dos *Pretos* em outra comunidade e até ter participado. Bom Meihy (2005) discorre sobre a relação nostálgica da memória do indivíduo:

Por ser uma construção baseada em referentes do passado, a história oral sempre abrigará uma visão redentora e passiona do passado ou dos fatos. O teor nostálgico transparente nas palavras do narrador faz parte do comportamento social e nele se explica. Em vez de ser preterido, exatamente por isso deve ser considerado fator de análise. (MEIHY, 2005, p. 56)

O teor nostálgico é compreendido do decorrer da entrevista realizada com dona Denil, nossa última entrevistada, onde ela se emocionou ao ser questionada sobre uma memória especial sobre a Brincadeira e em lágrimas descreve que:

É muito difícil eu falar disso porque quando fala dos *pretos* eu lembro muita da mamãe... E lembro muito do ritual que o compadre fazia por exemplo a bênção que tinha que ser feita na santa e a gente fazia tudo isso. Me recordo muito bem que quando chegava no momento final das músicas, tinha as músicas próprias de tomar bênção e também o acordar da comunidade com a folia, pistola. Era muito animado... (ENTREVISTA 04, 2023)

Novamente temos uma herança afetiva sobre a Brincadeira dos *Pretos*, pois dona Denil em suas lembranças rememora sua mãe, externalizando que a tradição da manifestação cultural também se enraizada em práticas passadas e ensinadas de pais para filhos. Sobre a essencialidade da fonte oral, Matos e Senna (2011) salientam:

A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época. (MATOS; SENNA, 2011, p. 101)

Desse modo, protagonizar lembranças de pessoas que participam, organizam e se desdobram sobre as práticas religiosas na comunidade de Vila Gorete trilhamos sentimentos que apenas a História Oral poderia extrair a partir das entrevistas. Sobre a manifestação cultural, construímos que essa tradição foi passada de mãe a filha e isso ainda permanece intacto em sua memória. Segundo Pollak (1992, p. 5) “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. Portelli (1997) fundamenta sobre a relação entre a memória individual destacando:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo; e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16)

Ao propor os mesmos questionamentos aos entrevistados compreendemos a distância e proximidade entre as falas, e como o mesmo recorte histórico tem suas contradições entre uma lembrança e outra. O trabalho proposto utilizando a memória ribeirinha sobre uma Brincadeira inserida numa festividade religiosa nos confrontamos com a relação do indivíduo com o meio que está inserido e suas experiências, enquanto Rosinaldo e Denil tem dimensão que a Brincadeira dos *Pretos* existe em outras comunidades, Nair e Maria Rosenilda dizem não ter reconhecimento dessa presença.

No decorrer da entrevista, dona Maria Rosenilda foi questionada desde quando participa da festividade e relembra que participa desde que tinha uns 25 anos, quando era convidada a ajudar os brincantes a se arrumarem. Entre as lembranças sobre a Brincadeira, dona Maria Rosenilda e os demais entrevistados expressam que a tradição não pode acabar, correspondendo uma manifestação cultural enraizada na comunidade e fortemente presente na

vida dos moradores locais. Dona Rosenilda também utiliza sua idade para relembrar algum ano que não se recorda, Freitas (2006) denota a relação da memória de pessoas idosas, pois:

Há que se considerar que as pessoas idosas, ao relatar as suas experiências de vida, são de importância fundamental para a História Oral. Entretanto, as pessoas de idade mais avançada estão sujeitas à deterioração do funcionamento do sistema nervoso central, mas, neste caso, a recordação de acontecimentos recentes se deteriora primeiro. (FREITAS, 2006, p. 60)

Assim, as experiências relatadas por dona Nair e Rosenilda tem sua valorização, principalmente por ser umas das ribeirinhas mais idosas da comunidade e uma delas ter participado efetivamente na Brincadeira, mas deve-se compreender que por conta de sua idade outros detalhes possam ter sido esquecidos, pois ela mesmo menciona que tem coisas que não lembra. Freitas (2006) reitera sobre a memória e o esquecimento:

A seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo. As lembranças que “incomodam” são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente, entendido como uma forma de funcionamento do psiquismo. Uma dinâmica que foge ao controle de nossa consciência racional. Portanto, selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual. (FREITAS, 2006, p. 60)

Com o depoimento de dona Maria Rosenilda, constatamos a relação com seu esposo e grande organizador da Brincadeira dos *Pretos* e como isso afetou sua relação com a manifestação cultural depois de seu falecimento. Esses fatores devem ser compreendidos nesse processo cognitivo da memória entre o esquecer e o lembrar, pois há também um silenciamento quando ela relembra em alguns momentos da entrevista o empenho de seu esposo com os *pretinhos*. Essa é uma questão da História Oral, onde deve-se estar atento para captar até o que não foi dito e os significados do silêncio diante algumas perguntas (THOMPSON, 1998, p. 205).

No desenvolvimento e organização da entrevista, obtemos que a História Oral agencia e protagoniza sujeitos e histórias passíveis de análise. A Brincadeira dos *Pretos* analisada a partir da memória dos ribeirinhos que ali vivem, constitui um acervo de momentos da cultural regional e local que é mantida e sobrevive, mesmo que ocorra mudanças e descontinuidades entre rituais antigos para melhor preservação da tradição. Assim, a fala dos entrevistados entre os resquícios de suas memórias compreende a construção da continuidade e transformação dessa manifestação cultural e da festividade, pois para eles, essa tradição ribeirinha não pode acabar.

A Brincadeira dos *Pretos* para além de uma manifestação presente na Festividade Católica de Vila Gorete, também constitui a identidade cultural da comunidade. Identidade cultural que se fundamentou principalmente pela transitoriedade da memória que para os ribeirinhos devotos da padroeira e aqueles que se dedicam a Brincadeira.

Cabe destacar o que aqui se entendo como devotos, em uma perspectiva dos sujeitos e não da Igreja. Michel de Certeau em seu livro *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*, foi referência na compreensão destas práticas devocionais em relações exercidas nas programações estabelecidas pela Igreja e as multifaces dessas festividades, onde esconde outras “maneiras de fazer” nesse caso a festa. Assim, Certeau (1998) pontua que:

Uma produção racionalizada, expansionista, além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”, esta é astuciosa, e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1998, p. 39)

Apesar da igreja católica organizar a programação com destaque para as missas, noitários e procissões, os “consumidores” da Festividade reinterpretem esses espaços por meio de práticas alternativas como as desfeiteiras, a Brincadeira dos *pretos*, as festas dançantes, enfim, práticas que buscam reelaborar “maneiras de fazer” dentro da programação destacando suas particularidades culturais. Assim, tomando como referência Michel de Certeau, foi possível pensar a Brincadeira dos *Pretos* e os brincantes relacionando-a através do conceito de “consumo” e interpretam dentro da crença católica suas “maneiras de fazer”.

Certeau (1998) discorre no tópico Culturas Populares sobre as transformações que podem ser realizadas da religiosidade e de suas práticas e relaciona que:

Os “crentes” rurais desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”, excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber a sua “razão”. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se vêem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida. (CERTEAU, 1998, p. 78)

A tática de transformação da religião imposta pelos missionários é o que conhecemos como catolicismo popular. Maués (1997, p. 17) salienta que o catolicismo popular é comumente descrito como um “conjunto crenças e práticas socialmente reconhecidas como

católicas, de que subalternas ou às classes dominantes”. Essas adequações no modo da interpretação e realização das práticas clericais podem ser também relacionadas as festividades religiosas amazônicas que empregam elementos indígenas e afro-brasileiros. Na festividade de Santa Maria Gorete, o catolicismo popular fixou na comunidade elementos interpretados como religiosos que também passaram a demarcar a identidade cultural desses ribeirinhos. Ademais, se o catolicismo popular ribeirinho se modificou sua execução também foi difundida e reproduzida ao passo de se transformar em tradição.

Alistair Thomson (1999) discorre acerca das práticas envolvidas que fundamentam as relações de identidades e experiências, a partir da reprodução de suas histórias e destaca:

Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos [...] ou para outras pessoas, no convívio social. (THOMSON, 1999, p. 57)

Para Alistair Thomson, a transmissão das histórias e o ato de contá-las se resulta na criação de identidades, esse processo também pode ser direcionado a nosso objeto de estudo. Joel Candau (2021) fundamenta sobre a relação da memória e da tradição que se estabelece primordialmente pela reprodução desses costumes, em que “aquilo que denominamos como tradição própria a um grupo é a combinação entre transmissão protomemorial e memorial que interagem uma sobre a outra fazendo, por exemplo, da tradição religiosa um “sistema organizado de pensamento e gestos” (CANDAU, 2021, p. 121). A reprodução oral dos ribeirinhos religiosos anciãos de Vila Gorete é um dos motivos de manterem viva essa cultura, pois desde pequenos, as crianças já são inseridas nesse universo seja apenas como observador dessa Brincadeira ou como participante e organizador.

4. ASPECTOS RELIGIOSOS DA BRINCADEIRA DOS *PRETOS*: do ritual de pintura à derrubada do mastro

No amanhecer do último dia da festividade de Santa Maria Gorete de 2023, a comunidade acordou com os batuques dos instrumentais dos foliões avisando sobre a preparação ritualística da Brincadeira dos *Pretos*. A casa escolhida para ser local de concentração dos *pretinhos* foi a do mordomo e também folião conhecido em Vila Gorete como Chicão. Assim, bem no amanhecer do dia os rapazes e o grupo de foliões já se concentram na casa do folião mordomo. Em 2023 o juiz do mastro foi Rodson da comunidade de São Miguel. Sobre a organização de juízes e mordomos, Galvão (1953) destaca que a eleição para serem

juízes do mastro e da festividade, e dos mordomos que trabalharão durante a festa do santo ocorre anualmente.

Além das entrevistas transcritas foram produzidas imagens da Brincadeira dos *pretos*, em que prestigiei em 2023. Albuquerque e Klein (2006, p. 299) salientam que “para o historiador a fotografia, talvez, represente a detecção de uma fração especial com inúmeros significados temporais”. Desse modo, a fotografia será capaz de problematizar juntamente dos relatos dos à interpretação do recorte escolhido, pois as fotografias existentes podem representar o testemunho visual da realidade para espectadores ausentes (KOSSOY, 2001, 37). A fotografia tem fundamental participação na construção da análise sobre a Brincadeira dos *Pretos*, pois ambienta aqueles que não conhecem sobre a manifestação cultural. Desse modo, a fotografia tem papel norteador ao analisar manifestações culturais ribeirinhas, pois evidencia aspectos que são desconhecidos por parte daqueles que não conhecem sobre essa cultura. Além de demonstrar a pluralidade cultural de uma sociedade.

Assim que chegamos na casa de seu Chicão nos deparamos com a mesa do lado de fora contendo as bebidas típicas utilizada pelos *pretos*, bem como café e beiju para aqueles que estão presentes, além de compartilharem a mesa com dois dos instrumentos musicais dos foliões.

Ademais, a mesa do mordomo continha bebidas com teor alcoólico⁹ e café para aqueles que não bebem, além de beiju e os instrumentos que os foliões tocam como por exemplo o reco-reco¹⁰. Entre as características particulares da religiosidade na Amazônia, Galvão (1955) destaca sobre a influência indígena nos rituais e práticas religiosos. A Brincadeira representa a singularidade da relação da religiosidade católica e de práticas lúdicas e representativas realizada pelos ribeirinhos. Carvalho e Portela (2020) descrevem essas relações da festividade católica para além da celebração e fundamentam que:

Para os festeiros, as dimensões de sociabilidade e ludicidade são tão importantes quanto os ritos litúrgicos. Elas se manifestam em jogos e disputas festivas, cantos, músicas, danças e práticas de comensalidade caracterizadas pelo consumo de fartas refeições e bebidas de teor alcoólico. (CARVALHO; PORTELA, 2020, p. 47)

É importante destacar as táticas existentes na transformação do catolicismo popular na região ribeirinha e dos significados que são elencados a tais ritos. O consumo de bebidas alcoólicas é umas dessas táticas que representam as modificações que os festeiros caracterizam

⁹ Entre as bebidas, tinha a Tiborna que é uma bebida alcoólica indígena que resulta da fermentação da massa de mandioca e muito utilizada durante a Brincadeira.

¹⁰ Reco-reco é um dos instrumentos musicais confeccionados e personalizados pelos foliões para serem utilizados em suas apresentações durante a festividade de Santa Maria Gorete.

importantes para a caracterização dos brincantes. Thompson (1992, p. 25) também corrobora que "os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados.". Assim que estamos ambientados peço aos responsáveis presentes para fotografar e peço novamente para acompanhar o processo de pintura antes da apresentação, assim como peço para que não me sujem durante o trajeto até a praça pois estarei gravando e tirando fotos e sou bem atendida. Os rapazes começam a se ornamentar e nesse momento começa o preparo da pintura dos *pretos* (figura 1). O preparo foi feito dentro de uma panela misturando o carvão e o óleo para ser passado em seus corpos.

FIGURA 1: Preparação da pintura que será utilizado pelos *pretinhos*



Data: 09/07/2023

Fonte: Autoria própria

Na fotografia acima temos o recorte da preparação do material que será utilizado como pintura para os *pretos*. A utilização de carvão e óleo constituem os principais materiais que são passados nos corpos dos brincantes que já se preparam para esse ritual. Com a entrevista realizada com dona Maria Rosenilda, ela relembra que a Brincadeira dos *Pretos* “[...] é uma diversificação da festa” e continua contando como ocorre o processo antes da apresentação:

A gente prepara eles com tinta preta feita de carvão e aí põe óleo e pinta eles, veste de roupas os homens que vão dançar de pretinhas, né, tem os *pretinhos* e as pretinhas. As mulher tão de vestido e os homens tão de calça, a gente pinta e aí eles vão dançar na hora das folias que cantam, eles dançam e é isso que eles apresentam. (ENTREVISTA 03, 2023)

Da mesma forma que foi contado por dona Rosenilda, o preparo da tinta ocorre de maneira similar, demonstrando caráter de continuidade dessa tradição. Um dos focos principais na hora da apresentação dos *pretinhos* é divertir quem assiste por meio de encenações e danças, sendo acompanhadas de cantigas à Santa Padroeira, sem deixar de lado os motivos que levaram cada brincante a participar. As festas religiosas na Amazônia constituem elementos além dos rituais católicos (GALVÃO, 1955; MAUÉS, 1955; WAGLEY, 1964). Nesse sentido, a Brincadeira, o levantamento do mastro e demais elementos da festividade religiosa, assim como o ritual de pintura na Brincadeira. Maria Rosenilda também destaca algo importante em sua fala que é o ato de se pintarem:

Eles se vestem de pano, de roupa que a gente compra, quando não arranja aquelas roupas usadas pra eles vestir bem feitiños e aí eles se preparam e dançam. A tintura é feita com carvão, a gente soca o carvão pila bem fininho nos crivos, coloca no óleo de cozinha e passa, quando não, é palha, queima a palha e tira aquele preto da palha e mistura e passa neles, porque antigamente era com óleo queimado mas óleo queimado arde muito e aí mudou. (ENTREVISTA 03, 2023)

Em sua fala podemos observar que apesar da Brincadeira dos *Pretos* ser tradição na comunidade, houveram mudanças significativas desde a primeira apresentação, pois como destaca a ribeirinha, a pintura era feita com óleo queimado ocasionando em alguns casos riscos a pele, e por conta disso a pintura foi sendo modificada demonstrando uma descontinuidade de um processo antigo, já que se usa atualmente carvão com óleo. Dona Nair e Rosilvado relembram esse ritual de pintura destacando que os brincantes dançam ao redor do mastro já pintados de *pretos* e com suas roupas manchadas com a tintura.

Participar da ritualística da Brincadeira dos *pretos* me aproximou do meu objeto de pesquisa e me introduziu a um universo de práticas católicas ribeirinhas que por vezes nos é desconhecido. Ser observadora nesse processo, abriu questões acerca das problemáticas atuais sobre o ato de se pintarem, especificamente com pigmento preto. Pollak (1992) fundamenta sobre as questões externas sobre identidade e memória e enfatiza que:

[...] quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. (POLLAK, 1992, p. 7)

Assim, apesar da Brincadeira passar por reformulações em relação a forma que era produzida o pigmento para pintura dos corpos dos brincantes, questões como *Black face*¹¹ não são elencadas, pois para os brincantes a pintura constitui todo elemento identitário dessa manifestação cultural e não representa nenhum preconceito, mas valorização de suas raízes e muitos terem na Brincadeira a recordação dos “antigos”, além de alguns desses termos e problemáticas não serem de conhecimento da maioria dos ribeirinhos. Cabe destacar que apesar dos moradores, brincantes e organizadores desconhecerem acerca do tema levantado e não ser objetivo da pesquisa, não podemos deixar de considerar reflexões sobre questões estruturais que podem ser discutidas quanto a essa Brincadeira no que se refere a pintura corporal preta e as interpretações vindas de fora da comunidade, podendo servir de objetivo para trabalhos futuros destacando a necessidade de se problematizar tais práticas. Matos (2011) fundamenta acerca das memórias e sua construção social elencando que:

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. (MATOS, 2011, p. 96)

A partir do momento que a pintura ficou pronta, os brincantes já estão vestidos e ornamentados para serem pintados. Os rapazes vestidos de mulheres representam a mãe e as filhas dessa família, procuram panos para avantajarem seus corpos, um dos meninos que representa a menina carrega a cesta (figura 2).

FIGURA 2: Momento do ritual de pintura

¹¹ “Blackface prática que objetivava mostrar negros como intelectualmente inferiores aos brancos; começou quando, nos Estados Unidos, negros recém emancipados passaram a exigir direitos civis, gerando aos brancos uma hostilidade racial. Dessa forma, homens brancos passaram a se apresentarem em shows de menestréis com práticas teatrais em que atores brancos coloriam suas peles com verniz para sapatos, tinta para graxa ou carvão de cortiça, para representarem personagens negros de forma vexatória e exagerada, além de preguiçosos, alcoólatras e analfabetos, estimulando o humor e a zombaria àqueles, uma vez que essas caricaturas adentravam ao imaginário americano, reforçando estereótipos.” (HERCULANO; ALVES, 2020, p. 5)



Data: 09/07/2023

Fonte: Autoria própria

Na fotografia, observamos o momento da pintura sendo realizada e toda caracterização existente nesse processo. Todos os brincantes desse ano são rapazes novos que estão ali pagando suas promessas por meio da Brincadeira dos *pretos*. Temos no canto direito uma das filhas da comunidade também participando desse processo. É importante destacar a participação de toda família antes da peregrinação nas ruas. Esse momento é feito no quintal da casa do folião. O ritual de pintura na tradição da Brincadeira dos *Pretos* também é objeto de reflexão sobre esse ato, pois as discussões atuais de revisões acerca de práticas passíveis de desaprovação. Vaz Filho (2018) fundamenta acerca do modelo existente das festas de santo na Amazônia e destaca:

Esse modelo de festas de santo de ramada de vários dias de duração, que depois ficaram muito comuns em toda a Amazônia, começou a ser desenvolvido ali nas missões, com mastros, juízes, mordomos, ladainhas, esmolação, bebidas fermentadas, música de ritmos dos próprios nativos etc. Com a expulsão dos jesuítas em 1757, as aldeias passaram a ser governadas por severos “diretores de índios” e só algumas tinham padres diocesanos, que já não possuíam o mesmo zelo pela pastoral como os jesuítas. Boa parte dos índios fugiu das missões, que passaram a ser chamadas de vilas ou lugares. (VAZ FILHO, 2018, p. 12)

A transição cultural e religiosa que ocorreu durante o período que antecede a expulsão dos jesuítas na Amazônia, relacionamos a questão da festa de santo existir apesar das mudanças significativas que ocorreram e se transformarem de acordo com as interpretações do nativos elencando práticas culturais múltiplas.

A Brincadeira dos *Pretos* nas regiões do Tapajós, Arapiuns e Lago Grande são atualmente interpretada de maneira distinta entre as comunidades ribeirinhas (STOLL, 2018, p. 18). As interpretações existentes visam por um lado a valorização da tradição e em outros casos

a rejeição frente a Brincadeira (STOLL, 2018, p. 18). O processo da relação entre considerações sobre sagrado e profano, característica das festividades de santos, tem sido motivo de conflitos entre praticantes religiosos e a Igreja Católica na Amazônia. Nos anos de 1930 e 1940, as lideranças eclesásticas trabalharam para limitar esses tipos de celebrações em todo Pará (CARVALHO, 2016, p. 244).

A figura 3 foi uma imagem coletada durante o processo de busca pelo histórico da comunidade na casa da moradora Denil Figueira, com quem consegui os documentos sobre a comunidade, sobre a festividade e sobre a Brincadeira.

Figura 3: Brincantes da Brincadeira dos Pretos na comunidade Vila Gorete



Data: 1990

Fonte: Arquivo de Denil Figueira

Na fotografia observamos alguns dos brincantes antigos pintados e caracterizados. A flecha usada pelo pretinho era um dos acessórios utilizados para afastar qualquer aproximação do mastro, sendo meramente encenado demonstrando a proximidade da cultura indígena nesse processo cultural. Cabe destacar o medo que as crianças tinham quando o pretinho com flecha vinha para perto deles, pois a principal função dos *pretinhos* é protegerem o mastro pra que ninguém se aproxime e sujar os que tentam. Muitos desses relatos foram contadas em conversas informais. O local de concentração dos brincantes é em frente à Vila ao redor do mastro, a fotografia em destaque foi tirada nesse local. Por se tratar de uma fotografia um pouco antiga e por estarem pintados, não foi possível delimitar os brincantes presentes na imagem.

A Brincadeira também é organizada em etapas da vida: a infância, a adolescência e a idade adulta, formando uma família que será responsável por proteger o mastro hasteado

(STOLL, 2018). Ao serem chamados de *pretos*, com o uso das fotografias podemos ter compreensão sobre o ato de pintarem-se. Na Brincadeira dos *Pretos*, a representação feminina é feita por homens, em conversa informal com alguns brincantes, eles alegam que pelo fato da promessa feita à Santa Maria Gorete ser paga participando da Brincadeira e pintando-se, apenas os homens manifestam interesse em participar, ocasionando em um número expressivo de participação masculina

Assim que são pintados, os *pretos* se reúnem em frente à casa que será o ponto de partida até a chegada na praça e em roda fazem agradecimentos aos que estão participando, um dos mordomos pede que sejam pintados apenas aqueles que tentem chegar perto do mastro sem necessidade de correr atrás, pois é apenas uma Brincadeira. No momento que os fogos são soltados se inicia de fato a Brincadeira, os *pretos* apresentam suas danças de modo que possam caminhar pelas ruas. De maneira desajeitada andam e caem na rua provocando o riso de quem assiste, aparentemente desorganizado as crianças correm, os homens tentam sujar quem se aproxima, os foliões cantam e tocam sem parar juntamente da imagem da santa carregada. Nesse cenário de agitação, os moradores se aproximam de modo a quererem chegar perto e não se sujam ou até provocarem para serem sujados. Nesse ano de 2023, os bisnetos de seu Waldelírio carregam uma homenagem ao patriarca (*in memorian*), um cartaz de saudade e uma fotografia sua ao lado do seu instrumento de folião. Chegando na praça os *pretos* se ajoelham ao redor do mastro (figura 4) num momento de devoção e fé dentro da Brincadeira.

Figura 4: Momento de devoção dos *pretinhos* ao redor do mastro



Data: 09/07/2023

Fonte: Autoria própria

Na fotografia acima, temos a captura de um dos momentos que caracterizam a Brincadeira dos *pretos* ao redor do mastro. Stoll (2015, p. 14) salienta sobre essa representação ao redor do mastro na aldeia Garimpo, em que a derrubada do mastro representa a gratidão pelas frutas ali penduradas, agradecimento referente ao êxito na colheita. Vaz Filho (2018, p. 18), destaca que no mastro “[...] eram pendurados flores, enfeites e os frutos como premissas das colheitas. Seriam “reminiscências dos cultos agrários”. Na comunidade de Vila Gorete, o mastro é representado com as frutas, bandeira da santa e as bebidas hasteadas, trazendo a representação do sincretismo presente, para os católicos o mastro também é dedicado e posto como forma de demarcar e reafirmar os agradecimentos da colheita e dos próximos plantios nas roças.

Todos os Brincantes são homens e como já dito pelas entrevistas, os *pretinhos* constituem uma família responsável pela proteção do mastro. Ao fundo da imagem, as pessoas assistem atentamente toda a ritualística encenada. Pollak (1992) discorre acerca da memória e seu elemento identitário fundamentando que:

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5)

Desse modo, a memória tem importante relevância em questões identitárias coletivas, ressaltando na reconstrução e continuidades de práticas que elencam esse sentimento de pertencimento e de identidade. Acerca dos aspectos referentes as práticas religiosas, Maués (2005) corrobora:

Os aspectos religiosos da cultura cabocla na Amazônia apresentam uma grande riqueza de mitos, concepções, crenças e práticas. Se a isso somarmos a diversidade religiosa indígena, com suas variadas línguas, formas de comportamento, mitos, crenças e etnias – que aqui não serão tratados –, teremos uma riqueza ainda maior no que diz respeito à diversidade cultural das populações amazônicas. (MAUÉS, 2005, p. 259)

Não obstante, as práticas culturais ribeirinhas por suas influências corroboram para a diversidade religiosa e cultural existentes e que resistem ao longo do tempo. Ainda sobre a Brincadeira, ao redor do mastro os *pretos* dançam, caem, sujam os que se aproximam, bebem a tiborna toda essa ritualística se repete ao som dos foliões. Um jovem que assiste de perto a apresentação se prepara para subir no mastro e os *pretos* tentam impedi-lo, assim que consegue subir e escalar começa a jogar de lá de cima algumas frutas como: banana, laranja e abacaxi que foram amarradas ao mastro ainda verdes no início da Festividade. Assim que todas as frutas foram jogadas aos que assistiam um dos responsáveis pela Brincadeira sobe no topo do mastro pra apanhar a bandeira da santa e as garrafas de bebidas que foram postas no alto. Assim que o homem desce entrega a bandeira para o juíz do mastro do próximo ano, os mordomos são escalados de acordo com os que decidem machadar o mastro até sua derrubada. Assim que o mastro está visivelmente posto a cair, os *pretos* seguram e os carregam até o barracão (Figura 5).

Figura 5: A derrubada do mastro



Data: 2023

Fonte: Autoria própria

A derrubada do mastro é feita pelos *pretos* assim que todos os futuros mordomos terminam de golpeá-lo. Assim que caído, o mastro é transportado pelos *pretos* até o barracão que o fazem dançando. No barracão da igreja, eles se apresentam novamente dançando todos abraçados em círculo com músicas entoadas pelos foliões. As folias cantadas são curtas e repetidas por muitas vezes, uma dessas folias são:

Onde Deus faz a morada
Nosssa casa é consagrada
(repete)

Glória seja a nossa
Jesus, Maria, José
A Santa Maria Gorete
[...]
Parabéns ó virgem Santa¹²
(repete)

Assim que finalizada a apresentação, alguns líderes da igreja agradecem pela Festividade e por mais um ano ser bem sucedida a Brincadeira. Os brincantes nesse momento ainda no barracão devolvem as roupas usadas, a cesta, a boneca e outros adereços. Alguns seguem para o rio, outros para suas casas para se limparem da pintura, assim finaliza-se mais um ano a Festividade de Santa Maria Gorete e da Brincadeira dos *Pretos* e comumente descrita como o dia da varreção. Dado todo simbolismo ribeirinho aplicado a Brincadeira, na figura 6 temos a fotografia de um dos antigos responsáveis por manter a tradição.

¹² Algumas das folias cantadas pelos foliões na apresentação dos *pretos*.

Figura 6: Guardiões da tradição da Brincadeira dos Pretos



Data: 1990

Fonte: Arquivo de Denil Figueira

Na fotografia de 1990 temos no recorte seu Chicão que ainda participa ativamente da Brincadeira, dona Rosenilda que foi uma das entrevistadas e dona Dondon (*in memoriam*) e seu esposo. Podemos perceber que suas mãos estão pintadas levando a interpretar que estavam na organização em 1990. Ao fundo é perceptível alguns *pretos* caracterizados, a fotografia foi tirada na praça da comunidade. Sobre as fotografias registradas, Kossoy (2001) discorre que:

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 2001, p. 50)

Ter acesso as fotos da Brincadeira dos *pretos* de 1990 potencializa a relação da tradição da manifestação cultural na comunidade. Assim, representando um testemunho sobre sua existência.

A perpetuação da tradição da Brincadeira dos *pretos* veio para a comunidade por seu Waldelírio, seus familiares apoiaram sua criação e se mantiveram ativos para que se existisse até os dias de hoje. Uma Brincadeira que é carregada de interpretações, seja jogo antagônico, cooperativo e de relações sociais constituídas na Amazônia (STOLL, 2018). Pacheco (2004) fundamenta acerca do sincretismo religioso na Amazônia e destaca que:

As folias dos santos do catolicismo desembarcaram no Brasil com colonizadores portugueses que, sedentos por riquezas, embrenharam-se nas matas e rios tropicais. À medida que povoados foram se formando em torno de capelas ou pequenas igrejas,

habitantes do "achado" Brasil e negros africanos escravizados, envoltos em outros universos culturais e religiosos, incorporaram, seletivamente, 25 a partir de suas percepções de mundo, expressões em que se imbricaram o velho e o novo mundo. Nesse hibridismo de culturas, homens e mulheres recriaram e vêm recriando, em diferentes espaços e contextos históricos, crenças, cantos, cantorias, louvores, benditos, ladainhas e tantos outros ritos correlacionando sagrado/profano, rural/urbano, velho/novo mundo, oral/letrado em múltiplas relações, poderes e sociabilidades, negociando e lutando por suas sobrevivências físicas, espirituais e culturais. (PACHECO, 2004, p. 201)

A Brincadeira dos *pretos* demonstra a forma de utilização e sincronismos de práticas caboclas, ribeirinhas, indígenas e até mesmo portuguesas que foram adequadas e originando uma cultura ribeirinha tão diversa, popular e religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a escolha, recorte e delimitação do meu objeto de estudo é importante destacar as inúmeras inseguranças presentes ao definir a História Oral como metodologia no trabalho, principalmente por se tratar de uma pesquisa que visava a partir da memórias dos ribeirinhos de Vila Gorete, a elaboração de caminhos para compreender a Brincadeira dos *Pretos* e todos os processos presentes na manutenção e existência até os dias de hoje dessa manifestação cultural.

Os desafios pontuados ressaltam a sensibilidade e ‘limitações’ inerentes aos relatos orais. No entanto, ao colocar em evidência a comunidade de Vila Gorete, que tem laços familiares para mim, e ao trazer para o foco do debate uma prática cultural amazônica, tornou-se essencial, apesar das dificuldades subjacentes. Desde o início do projeto, foi crucial considerar as questões que envolveriam a subjetividade das narrativas, lacunas que poderiam ocorrer e os trajetos que cada entrevista poderia levar. O diálogo com as fontes e o interesse pessoal sobre a pesquisa mitigaram todos as questões elencadas, permitindo a compreensão das reformulações, recriações e manutenções que ocorreram com a Brincadeira dos *Pretos*, sua importância na Festividade de Santa Maria Gorete e a construção cultural e identitária que se formaram.

A elaboração do questionário, a ida a campo, a saída do ‘gabinete’ para pesquisar além dos documentos escritos que também são importantes, demonstram múltiplos caminhos metodológicos da história, com a fonte oral protagonizando histórias individuais e coletivas da memória ribeirinha.

Assim, as entrevistas forneceram resultados que apenas a oralidade poderia obter, lembranças que estabelecem as relações e práticas que demarcam as continuidades das tradições

enraizadas na comunidade, além do acesso aos documentos redigido pelos comunitários antigos. Importante refletir sobre as mudanças possíveis de observáveis, como nas práticas de pintura corporal e dos problemas que a utilização de outros produtos na pele poderia causar. O protagonismo de seu Waldelírio, ao trazer para Vila Gorete uma experiência vivenciada em Carariacá, introduzindo na Festividade de Santa Maria Gorete, destaca a dinâmica e as múltiplas interpretações presentes nessas celebrações.

A assimilação do catolicismo popular pelos ribeirinhos ao longo da história ilustra a capacidade de adaptação das comunidades em preservar suas tradições, que não imutáveis, mas se perpetuam ao longo do tempo. A proposta de analisar uma manifestação cultural ribeirinha com referências e estudos que tratam sobre memória, história oral, identidade, religiosidade na Amazônia, santos e práticas culturais, é fundamental para compreender aspectos da história local e a pluralidade de nossa região.

Por fim, destaco como a diversidade cultural existente no interior do Pará releva-se importante para compreender narrativas históricas e as formas como as comunidades reinterpretam suas práticas culturais e inserindo suas particularidades. Entre foliões e mordomos, a Brincadeira dos *Pretos* em Vila Gorete Arapiuns se moldou de acordo com as interpretações que cada ribeirinho atribuiu a ela, permitindo refletir sobre as dinâmicas existentes nas festa de santos amazônicos, suas tradições e manutenções.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 3, p. 297-305, 1987.
- BOM MEIHY, José Carlos Sabe. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves de. Tradições devotas, lúdicas inovações: o sairé em múltiplas versões. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 237-259, 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. – 1. ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- DE FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. – São Paulo: Associação Editora Humanitas, 2006.

FREUD, Sigmund. Sobre a Transitoriedade (1916 [1915]). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. 1955.

GALVÃO, Eduardo. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. Rio de Janeiro: *Boletim do Museu Nacional*, n. 15, pp. 01-10, abril. 1953.

HERCULANO, Alana; ALVES, Kennedy. O blackface no carnaval brasileiro e a legitimação do racismo recreativo. *Das Amazônias*, v. 3, n. 1, p. 04-15, 2020.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Atilie Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1995.

LEAL, Mayara Mendes. Da missa à eleição: a política do Padre José Maria do Lago na década de 1930. *Revista Estudos Amazônicos*, v. 11, n. 2, p. 46-78, 2014

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

NORA, Pierre. Memória Coletiva. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A História*. Lisboa: Edições 70, 1978, p. 451.

NORA, Pierre. Entre memória e História - a problemática dos lugares. *Projeto História*, No. 10, São Paulo, PUC, 1993.

PACHECO, Agenor Sarraf. “Cidade-floresta” na cadência da festa: reverências a São Miguel nas margens dos “Marajós” (PA). *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 28, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. Projeto história. Nº 15: Ética e história oral. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: EDUC, pp. 13-49, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a Relação entre a História Oral e as Memórias. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, Nº 15, abril, 1999.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Gambá de Pinhel: Resistência, Reinvenção e Identidade Cultural no rio Tapajós. *Palestra proferida no lançamento do CD—Gambá de Aveirol, no auditório do IAP/SECULT, em Belém do Pará, em, 2008.*